

Analistas dizem que o Governo terá de ser enérgico para diminuir fragilidade

Solução imediata para dívida dos estados e ajuste seriam capazes de acalmar mercado

Amália Maranhão, Cristina Canas e
Sheila D'Amorim

● NOVA YORK, SÃO PAULO e BRASÍLIA. O Governo tem de ser enérgico no tratamento da dívida dos estados, aprovar o mais rapidamente possível todo o pacote fiscal no Congresso e surpreender com alguma notícia importante e positiva, se quiser acalmar de novo o mercado financeiro. Esta é a opinião da maioria dos analistas econômicos, para quem a ajuda do FMI, sozinha, não consegue mais tirar o país da posição frágil em que se encontra.

Para alguns analistas, houve exageros na reação do mercado

No entanto, alguns analistas financeiros consideraram um exagero a queda acentuada da Bolsa de São Paulo e a elevação dos juros e do dólar nos mercados futuros, ontem. É o caso do economista-chefe para as Américas do Banco ING Barings, Arturo Porzecanski.

— É uma reação puramente psicológica. O mercado ficou receoso das consequências da atitude do ex-presidente Itamar, como a adesão em massa de outros governadores. O Governo federal fez bem ao reter os créditos do estado, mas os investidores querem mais: uma prova de liderança e uma demonstração da capacidade de gerenciamento — disse

Porzecanski, em Nova York.

Segundo ele, a única saída é o Governo federal tomar uma atitude drástica, como a demissão de funcionários, para dar exemplo aos governadores. Porzecanski diz que os investidores querem que o Governo demonstre ter o controle da situação política e a determinação de executar o ajuste. Uma das possibilidades imediatas, segundo o economista do ING, seria o corte de funcionários na esfera federal.

De acordo com o diretor de estratégias globais do Banco Lehman Brothers, José Maria Barriónuevo, a volatilidade dos investimentos no Brasil pode durar mais alguns dias ou até semanas, e só deverá ser revertida quando o Congresso Nacional aprovar as medidas pendentes do ajuste fiscal.

Segundo ele, o presidente Fernando Henrique Cardoso fez o que podia em relação à moratória anunciada por Itamar Franco, mas o mercado ficou nervoso ao sentir que a posição política do Governo federal está ameaçada.

Economista em NY diz que calma só volta com ajuste

— A tranquilidade só voltará com a aprovação final das reformas. Os investidores sabem que só a partir delas os juros poderão baixar, reduzindo os efeitos da recessão e restaurando a confiança

dos investidores. Só há um remédio: ajuste fiscal o mais rápido possível. Os políticos brasileiros devem estar conscientes de suas responsabilidades — afirmou Barriónuevo, em Nova York.

Melhora do cenário, que era esperada, não aconteceu

No momento em que normalmente os administradores de recursos globais redirecionam suas aplicações pelos diversos mercados do mundo, o dinheiro não está chegando ao Brasil.

— A deterioração das expectativas neste início do ano se dá simplesmente porque a melhora que era esperada com ansiedade não aconteceu. O nervosismo do mercado não se deve a um fato isolado como a moratória mineira, que só agrava a situação. É uma perda real de credibilidade — diz Dany Rappaport, economista do Banco Santander.

O diretor de juros e câmbio do Banco Boavista, Luiz Alberto Marques, endossa essa posição. No mercado, é cada vez maior a sensação de que o Brasil terá dificuldades para cumprir as metas acertadas com o FMI.

— Se isso acontecer, a chance de haver uma saída total de estrangeiros é enorme. A base das análises dos investidores estrangeiros são os fundamentos. Até porque eles não entendem as particularidades da política e da eco-

nomia brasileira — diz Marques.

Para o diretor da área internacional do Banco BMG, Ricardo Torres, o movimento do mercado brasileiro mostra que os investidores que ainda mantêm posições no Brasil estão dispostos a reduzi-las ainda mais. Internamente, cresce a procura por proteção cambial e por aplicações atreladas às taxas de juros do "overnight". Segundo Marques, do Boavista, as grandes empresas nunca deixaram de ter aplicações em CDI, mas nos últimos dias até esses clientes estão migrando para o "over", pressionando as taxas de juros no mercado secundário.

— A nossa recomendação aos clientes é para ficar no "overnight" e não se expor em outros ativos — endossa Rappaport.

Corretoras dos EUA aguardam novas análises sobre o país

Os responsáveis pelos negócios com papéis brasileiros em corretoras americanas aguardam, para os próximos dias, a divulgação de novas análises sobre o país. A primeira revisão da situação brasileira foi feita pelo ING, na segunda-feira. Segundo o diretor de uma dessas corretoras americanas, que tem forte atuação em todos os mercados emergentes, essas avaliações não chegam a ter um impacto direto sobre a perspectiva do país. ■